

EDITORIAL

A ENFERMAGEM, O NEONATO, A CRIANÇA, O ADOLESCENTE E SEUS MUNDOS: CUIDANDO DE UM PARA CUIDAR DO OUTRO****Circéa Amalia Ribeiro¹, Elisabeta Roseli Ecker²***

No período de 6 a 8 de outubro de 2009 realizou-se na cidade de Florianópolis - SC o III Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal (CEBEPN) e XVI Encontro Catarinense de Enfermagem Pediátrica (ECENPE). O evento é uma atividade bienal promovida pela Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras – SOBEP organizada, nesta ocasião, pelo Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Serviço de Enfermagem em Pediatria e Neonatologia do Hospital Universitário-UFSC e Diretoria de Enfermagem do Hospital Infantil Joana de Gusmão - HIJG.

A SOBEP tem o compromisso e a responsabilidade de instigar os profissionais que atuam na área da enfermagem neonatal, pediátrica e herbiátrica a se fortalecerem científica, metodológica e politicamente, bem como incentivar o diálogo entre esses profissionais, favorecendo a troca de experiências, incentivando e valorizando a produção e divulgação de conhecimentos.

Sem dúvida, o amor e o compromisso profissional com nossa população infantil e com o desenvolvimento técnico e científico da enfermagem pediátrica e neonatal, que fizeram com que os colegas de Santa Catarina aceitassem o desafio de sediá-lo e organizá-lo. A proposição do tema central, ***“A enfermagem, o neonato, a criança, o adolescente e seus mundos: cuidando de um para cuidar do outro”*** revela o grande compromisso social da enfermagem pediátrica: a preocupação com o ser humano, com as crianças e os adolescentes, em especial, com a vida, com o vivê-la em plenitude e com nosso planeta Terra, que se encontra em um momento tão delicado, e se não receber uma atenção especial por parte de todos os cidadãos, independente de sua formação profissional, corre o risco de se destruir, ou melhor, ser destruído com todos os seres vivos que o habitam.

Em palestra realizada durante o IX Fórum Social Mundial, ocorrido no início deste ano, aqui no Brasil, o teólogo, professor e escritor Leonardo Boff chamou atenção para a conexão entre a atual crise financeira mundial e a crise ambiental à qual nosso planeta está exposto, no que o bem de todos e a preservação da Terra têm sido sacrificados ao lucro de poucos. Alertou que a ruptura entre o trabalho e o cuidado fez com que o afã desmedido de produção se revertesse na ânsia incontida de domínio da natureza e na busca do desenvolvimento técnico-científico dissociado da consciência ecológica. Assim, enfatiza ser necessário promover a ecologia do cuidado, ou seja, promover um cuidado que zele pelos interesses de toda a comunidade, de todos os seres vivos e de todo nosso planeta.

Se, como diz Boff, a Terra é um planeta pequeno, velho e limitado que não suporta um projeto de exploração ilimitada, nós, como enfermeiros pediatras, sabemos que a criança é um ser pequeno, jovem e com uma ilimitada força para crescer e desenvolver-se, mas, que precisa contar com um ambiente físico e relacional favorável que lhe permita desenvolver todo esse potencial e tornar-se um adulto feliz, produtivo e comprometido com qual mundo pretende deixar para a geração que o suceder. Foi sobre um cuidado com essa dimensão que o III Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal, propôs-se a discutir.

Assim, ao lançarmos este tema central, pensamos em realçar a interdependência inerente entre o mundo de todos, os mundos de cada um e o cuidado, reconhecendo que a condição dos seres humanos na sociedade e a própria sociedade estão em mudanças contínuas e cada vez mais aceleradas.

* Extraído dos discursos das autoras proferidos na Mesa de Abertura no III Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal e XVI Encontro Catarinense de Enfermagem Pediátrica.

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Presidente da SOBEP e Presidente de Honra do III Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal e XVI Encontro Catarinense de Enfermagem Pediátrica.

² Enfermeira. Mestre em Ciências da Enfermagem. Presidente do III Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal e XVI Encontro Catarinense de Enfermagem Pediátrica.

Há um mundo novo e também um antigo, já transmutado, requerendo reconhecimento, análise, compreensão e cuidado; há um mundo que o tempo todo se relativa em micro e macrocosmo, em micro e macrosocial, em ambientes físicos e também simbólicos; há uma família com menos membros que no passado, reconfigurada em sua estrutura, com menos presença e disponibilidade para educar e cuidar de seu recém-nascido, da criança e do adolescente.

A creche, a escola, os serviços de saúde, a mídia, as novas tecnologias, a rua e seus personagens ganham corpo, presença, influenciando, conduzindo, definindo relacionamentos, necessidades, a saúde, o lazer, enfim, o que é bom e o que é felicidade para nós, sobretudo, para nossos recém-nascidos, nossas crianças e nossos adolescentes.

A tecnologia dura apresenta-se com seus paradoxos: prolonga a vida e recupera, mas viabiliza incapacidades. Em decorrência de sua presença, prolongam-se dependências, criam-se sofrimentos e múltiplas responsabilidades para pais, instituições e profissionais da saúde.

Nas cidades para onde migraram os brasileiros nos últimos 30 anos, estão os carros que superlotam as ruas, o asfalto, os edifícios. Sumiram os espaços da corrida, da bola, da bicicleta, do encontro, do flerte. Sobram estresse, poluição, impessoalidade nas relações, medo e desconfiança do outro; manifestam-se a hipertensão, a obesidade, a depressão, a alergia, a violência e mais recentemente a gripe H1 N1.

O mundo do hospital não pode ser mais imerso só nas tecnologias, como também seus personagens, o recém-nascido, a criança, o adolescente, os pais e os profissionais estão se construindo sob novas condições e influências. Isto também ocorre nos demais mundos.

Se uma criança tem sobrepeso, seu corpo, seu self também requerem cuidados para que não se abortem suas capacidades e potencialidades. Todavia, também são demandadas soluções no mundo do ambiente físico: a criança e o adolescente não podem apenas fazer dieta, requerem atividade, espaços seguros e suportes sábios.

Os profissionais de saúde também precisam repensar seu mundo, encontrando espaço para seu próprio cuidado, para que possam assim continuar a serem denominados.

Então, propomos a conjunção, da Enfermagem com o Neonato, a Criança, o Adolescente, envolvendo seus mundos e o cuidado multidirecional, entendendo que isto esteja sendo requerido no contexto atual.

Não é demasiado repetir, o que diz o artigo 227 da Constituição Federal: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer a profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária.

Mais do que um enunciado, são palavras inquietantes e desafiadoras. É lamentável mas, ainda, somos conhecidos internacionalmente como um País onde existe trabalho escravo infantil, onde milhares de crianças em idade escolar perambulam ou mesmo moram nas ruas das grandes cidades, abandonadas à própria sorte, prostituindo-se física, moral e espiritualmente; um País onde as taxas de mortalidade infantil e neonatal ultrapassam o mínimo aceitável, cabendo a cada um de nós, contribuir para transformar esta imagem.

Tanto o Ministério Público como o Ministério da Saúde, ao longo dos anos, vem procurando interferir nessa realidade, com a implementação de políticas públicas voltadas à saúde da criança, envolvendo o neonato e o adolescente. Também nos últimos anos os municípios brasileiros vêm assumindo, cada vez mais, importância na formulação de políticas públicas e na alocação de recursos em favor da criança e do adolescente. Enfim, vê-se que esse grupo populacional vem sendo alvo prioritário de amplos programas de atenção primária, com importantes melhoras em seus indicadores. Mas há muito ainda há ser feito, tanto no âmbito das políticas públicas como no âmbito assistencial.

Esperamos que cada um de nós tenhamos a possibilidade de melhor orientar nossa prática do cuidado, sempre entrelaçada pela pesquisa, ensino e extensão. No trabalho coletivo, na reflexão e na troca de experiências, certamente, encontraremos novas iluminações, não para tornar inúteis nossas experiências anteriores, mas, para reinterpretá-las, compartilhar saberes e construir novos valores a serem agregados ao cuidado do neonato, da criança e do adolescente, lembrando a especificidade de cada um de seus mundos, integrados em um mundo que é de todos e que também precisa ser cuidado!